

o retrato de um corpo negro

RESENHA DE *UM CORPO NEGRO* (2019), DE LUBI PRATES

Patrícia de Paula Aniceto¹

Publicada inicialmente em 2018 e tendo sua segunda edição em 2019, a obra *Um corpo negro* (2019), da paulista Lubi Prates, chancela o fazer literário da escritora negra na poesia afro-brasileira contemporânea. É perceptível a construção de um devir próprio que inaugura a representação e a figuração do corpo do sujeito lírico dos poemas que compõem a referida obra. Ao levarmos em conta a apresentação da autora, percebemos um ponto de encontro entre Prates e a voz lírica, como ela mesma afirma: “que fique aqui o retrato deste corpo, meu corpo negro, atual, no mundo” (PRATES, 2019, p. 11). Como podemos perceber, mais do que apresentar os reflexos da realidade, na obra em questão, Prates a define como sendo o retrato de seu próprio corpo. Notadamente, estamos diante do desapego da tradição que distanciava o autor do objeto artístico. Aqui, pelo contrário, há uma aproximação entre as vozes autoral e lírica que, sem dúvida, conferem ao texto um caráter confessional, memorialístico e, ao mesmo tempo, híbrido.

Apesar de, no primeiro parágrafo, indicarmos a presença da sombra de Prates na voz lírica, há um possível distanciamento a ser notado na obra em questão. Com isso, a provável experiência particular da autora passa, então, a ser associada a outros corpos coletivos de enunciação. Sobre esse aspecto, não podemos nos esquecer de que o fazer literário de Lubi Prates demanda uma denúncia demasiadamente coletiva e que provoca, mobiliza, impacta e anima outros corpos negros, bem como suscita o leitor a refletir sobre o passado e o presente do sujeito lírico. Desse modo, da perspectiva de recepção da obra, percebemos que a autora tenciona o leitor a revisar a história construída sob a égide da escravidão, subjugação e destruição cultural do grupo étnico negro.

¹ Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista PBPG da UFJF. Mestre em Letras: Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Graduada em Letras: Português/Inglês pelo (CES/JF). E-mail: patricianiceto@yahoo.com.br

A partir de um processo de desconstrução e ruptura com a tradição literária em prol de um devir intrínseco à literatura contemporânea, Prates opta por uma escrita bastante subversiva ao criar estratégias de resistência às dominações do poder sobre o corpo negro da voz lírica. Logo, resistir implica na luta pela (re)existência, ou ainda, pela sobrevivência que, dessa maneira, incita o sujeito lírico a impedir o aniquilamento da sua própria vida:

se me arrancaram pela raiz
 forço uma cartografia
 desejando a terra
 pois sobraram as sementes (PRATES, 2019, p. 25).

No poema “mátria e/ou terra mãe”, o sujeito lírico demonstra um conflito identitário e geográfico no que diz respeito à pátria em que nasceu. Mais adiante, em “como chamar de”, é possível percebermos a crítica construída nos versos em que esse incômodo é revelado:

como chamar de
 pátria

o lugar onde nasci
 se parir é uma
 possibilidade apenas feminina e

pátria traz essa imagem
 masculina & país traz essa
 imagem masculina & o próprio
 pai em si
 [...]
 mãe não cabe numa pátria (PRATES, 2019, p. 21-22).

Em “não foi um cruzeiro”, sustentando a mesma postura crítica anterior, Prates apresenta uma sequência de elementos valorosos que constituem a identidade do eu-lírico e que foram esquecidas no navio. Convém mencionarmos que o poema “se me arrancaram pela raiz” fundamenta o poema anterior e reconstitui os acontecimentos conflitantes baseados na

denúncia que o eu-lírico faz por ter sido arrancado brutalmente pela raiz de sua própria terra. A resposta às atrocidades, sem dúvida, equivale ao anseio de resistência da voz enunciativa: “se me arrancaram pela raiz / forço uma cartografia / desejando a terra / pois sobraram as sementes” (PRATES, 2019, p. 25).

Em face desses acontecimentos, a memória individual e coletiva é ameaçada e condenada ao esquecimento. Todavia, o sujeito abriga os traços dessa memória em seu próprio corpo. Ademais, ela funciona como um instrumento consolador e ao mesmo tempo alentador, que motiva o sujeito desses poemas a criar subterfúgios para que ele não perca de vista seu passado e os elementos constitutivos da sua identidade.

Na perspectiva de Deleuze e Guattari, a desterritorialização não se faz sozinha (2012, p. 45). Nesse sentido, verificamos que ela “relaciona-se com uma recusa em reconhecer ou uma dificuldade em definir o novo tipo de território, muito mais múltiplo e descontínuo, que está surgindo” (COSTA, 2007, p. 143). Assim sendo, observamos que tal assertiva pode ser confirmada, nos versos a seguir:

se me arrancaram pela raiz
forço uma cartografia
desejando a terra

porque os mares já me falaram absurdos
sendo apenas o caminho:
jamais alguma pista de destino (PRATES, 2019, p. 25).

Entretanto, observamos que, diante da possibilidade de construção de um novo território, em “para este país”, a voz lírica revela que ainda que trouxesse os elementos constitutivos do seu passado cultural, ainda assim, “só veriam / meu corpo/ um corpo/ negro” (PRATES, 2019, p. 27).

Diante do exposto, evidentemente, tal sujeito revela uma dificuldade e um estranhamento nessa fase de adaptação no novo território e, conseqüentemente, denuncia a violência que certamente ameaça, fere e viola seu corpo e sua identidade cultural. Em “diversas teorias”, ao direcionar seus olhos sobre seu próprio corpo, a voz lírica observa que ele

“é formado / por violências”, e questiona em várias estrofes, ainda que sem resposta, “quando / um corpo negro / está completo?” (PRATES, 2019, p. 62). Nessa mesma direção, em “perdi seu corpo negro”, Prates demonstra uma relação de afetividade e de alteridade com o Outro que também possui o corpo negro e que foi vítima de violência por ter uma etnia diferente. Num tom nostálgico que demarca os últimos versos do poema, ela se inclui nesse contexto e declara: “e seu corpo negro / poderia ser meu corpo / negro” (PRATES, 2019, p. 76).

Significativamente, cabe ressaltarmos que o genocídio e o memoricídio se constituem como sendo a razão desse processo que culminou na eliminação e na obstaculização do grupo étnico do eu-lírico e, principalmente, na diáspora. Reiterando a questão da territorialização, realçamos que Lubi Prates tem o cuidado de apresentar todo esse movimento de dispersão e de separação que é construído desde a memória do navio no mar, perpassando pela travessia e finalizando com a chegada que é marcada por sua presença no território e, coincidentemente, pela ausência da apropriação geográfica que é facilmente identificável quando o sujeito lírico se sente estrangeiro e exilado em sua nova terra. Isto podemos perceber em “condição: imigrante”, único poema traduzido para o espanhol, pela autora, e para o catalão, francês e inglês por outros tradutores. Em vista disso, a experiência de mobilidade do imigrante pode ser entendida como uma prática da desterritorialização. Por conseguinte, diante dos aspectos observados, a tradução do referido poema em diferentes línguas sugere o processo de transição do sujeito lírico por outras culturas e legítima, portanto, o reflexo da duplicidade do sentimento de não pertencimento da voz lírica.

Estruturalmente, *Um corpo negro* esboça e reconstitui os conflitos e as fraturas advindas do processo de distanciamento e entrecruzamento das nações que dilaceram o sujeito lírico: “demorará séculos milênios / para alcançarmos a distância existente / entre África e América Latina” (PRATES, 2019, p. 73). Não nos surpreende, portanto, que esse sujeito se identifique muito mais com a África do que com a América Latina. Cremos que isso pode ser verificado quando o eu lírico declara: “minha pele não é casca / é um mapa: onde África ocupa / todos os espaços” (PRATES, 2019, p. 53). De certo modo, esse processo de ubiquidade da África estabelece a relação com o corpo e com a identidade da voz enunciativa que carrega em

suas costas a história e a memória contra uma possível ameaça de esquecimento. Por essa razão e por meio do uso de recursos poéticos, essa feição que Lubi Prates demonstra relativa à evocação da memória contrastando-a com o presente, consiste, mais ainda, numa tentativa de resistência contra o próprio esquecimento do passado cujos vestígios estão presentes em seu próprio corpo ou em *Um corpo negro*.

referências

COSTA, Rogério Haesbaert da. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira. Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: 34, 2012. v. 3.

PRATES, Lubi. *Um corpo negro*. São Paulo: Nosotros, 2019.